

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA PARTICIPAÇÃO EM ATIVIDADES DE LAZER EM GRUPOS DE TERCEIRA IDADE¹

SOCIAL REPRESENTATION THE PARTICIPATION IN LEISURE ACTIVITIES IN THIRD AGE GROUPS

REPRESENTACIONES SOCIALES DE LA PARTICIPACIÓN EN ACTIVIDADES DE OCIO EN GRUPOS DE TERCERA EDAD

Maria Lúcia Olivetti Borini²
Fernanda Aparecida Cintra³

RESUMO: O objetivo da pesquisa é estudar as representações sociais acerca da participação em atividades de lazer nos grupos de Terceira Idade. Foram realizadas treze entrevistas individuais com participantes homens e mulheres, com idade superior à 60 anos, em um Centro de Convivência para a Terceira Idade. Os discursos foram analisados a partir da técnica de análise de conteúdo e à luz da Teoria das Representações Sociais. As “marcas da velhice” como a falta de atividades, solidão e as doenças são os motivos que levam os idosos a freqüentarem as atividades de lazer no Centro de Convivência para a Terceira Idade. Eles revelam pertencerem à “família da Terceira Idade” e encontram um “efeito terapêutico” para as “marcas da velhice”. Participar das atividades de lazer em Grupos de Terceira Idade representa a “saída do fundo de poço”, traz um sentido para a vida e o próprio renascimento.

PALAVRAS-CHAVE: gerontologia, envelhecimento, lazer, terceira idade

ABSTRACT: The objective of this research is to study the social representations concerning the participation of third age groups in leisure activities. Thirteen individual interviews were accomplished with the co-operation of men and women over sixty-years-old in a Third Age Coexistence Center. The discourses were analyzed starting from the technique of content analysis, followed by discussion based on the Theory of Social Representations. The “marks of old age”, such as, solitude, disease and lack of activity, are the reasons elderly people take part in this kind of leisure activities in the Third Age Coexistence Center. They belong to the “Third Age family” and find medicine and therapeutic assistance for the “signs of old age”. The participation in leisure activities represents the “exit from rock-bottom”, and brings meaning to the life of elders as well as a sense of rebirth.

KEYWORDS: gerontology, aging, leisure, third age

RESUMEN: El objetivo de la investigación es estudiar las representaciones sociales sobre la participación en actividades de ocio en grupos de Tercera Edad. Se realizaron trece entrevistas individuales con hombres y mujeres de más de 60 años, en un Centro de Convivencia para la Tercera Edad. Los discursos se analizaron a partir de la técnica del análisis de contenido y la Teoría de las Representaciones Sociales. Las “marcas de la vejez”, como la falta de actividades, la soledad y las enfermedades son los motivos que los llevan a frecuentar el Centro. Mediante los discursos, los ancianos revelan que pertenecen a la “familia de la Tercera Edad” y descubren un “efecto terapéutico” ante las “marcas de la vejez”. Participar en las actividades de ocio en los Grupos de Tercera Edad representa la “salida del fondo del pozo”, les da un sentido para la vida y su propio renacimiento.

PALABRAS CLAVE: gerontología, envejecimiento, ocio, tercera edad

Recebido em 12/09/2002
Aprovado em 20/12/2002

¹ Resumo de Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Enfermagem, nível Mestrado, da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, em 2002.

² Terapeuta Ocupacional. Professora Adjunta da Faculdade de Terapia Ocupacional - Centro das Ciências da Vida - PUCCAMP, Campinas, SP. Especialista em Saúde Pública. Mestre em Enfermagem.

³ Enfermeira. Professor Doutor do Departamento de Enfermagem da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, Campinas, SP.

INTRODUÇÃO

A Gerontologia, compreendida como o estudo do processo de envelhecimento, reúne várias disciplinas e pesquisadores de diversas áreas do conhecimento; possui assim, um espaço de ação interdisciplinar. Nesta dimensão interdisciplinar, um dos grandes desafios tem sido encontrar possibilidades de propiciar ao idoso⁴ uma vida longa e com qualidade, oferecendo-lhe condições para enfrentar as inúmeras dificuldades individuais e coletivas, ainda presentes na população idosa.

Na literatura internacional e brasileira, vários estudos apontam que a população mundial está envelhecendo rapidamente. No Brasil, os estudos realizados por Neri (1993), Veras (1994), Paschoal (1996) e Berquó (1999), a partir de dados demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revelam que a população com mais de 60 anos de idade até o ano 2025 será 16% da população total. A expectativa de vida dos brasileiros tem aumentado, mas a maioria da população vive ainda em situação de pobreza, miséria e doenças.

Peixoto (1997) refere que ao final da década de 70 foram desenvolvidas algumas ações para a promoção e assistência ao idoso. Como exemplos, a autora aponta o Programa de Assistência ao Idoso (PAI) e a renda mensal vitalícia, iniciativas do governo federal, e a criação do Comitê Nacional de Saúde do Idoso, nos anos 80. Apesar destas iniciativas, a mesma autora assinala que, de fato, o Estado brasileiro não assumiu uma ação ofensiva para o grupo populacional dos idosos e, em contrapartida, destaca a participação da iniciativa privada como a do Serviço Social do Comércio (SESC), com seus serviços e programas de promoção e assistência voltados à população aposentada e idosa.

Considerando que a participação nas atividades de lazer em grupos de Terceira Idade tem sido apontada, nos estudos da Gerontologia, como uma possibilidade de promover a qualidade de vida dos idosos, pretendemos nesta pesquisa identificar as representações sociais dos próprios integrantes dos grupos de Terceira Idade, acerca da sua vivência em atividades de lazer. Para tanto, consideramos importante destacar as representações sociais que circulam na sociedade sobre a própria condição do envelhecimento e que, possivelmente, ancoram as representações sobre a participação em atividades de lazer.

Em nossa sociedade alguns “verbetes” são comumente utilizados para designar a idade onde o envelhecer é mais notado: velho, idoso, terceira idade, melhor idade, idade madura. As marcas e signos que acompanham cada palavra conferem uma certa identidade a cada “tipo” das pessoas envelhecidas; há com efeito uma construção social da velhice. Ao “velho” são atribuídas as imagens de doença, solidão, inatividade. O termo idoso é utilizado em documentos jurídicos, para efeito de leis e direitos deste grupo da população e para a Terceira Idade são atribuídos signos de saúde e bem estar.

Debert (1999) ao se referir às construções sociais

da velhice, Terceira Idade e aposentados, considera que nos últimos anos houve a criação de uma nova linguagem em oposição às antigas formas de tratamento dos velhos e aposentados. Para ela, a Terceira Idade substitui a velhice, aposentadoria ativa se opõe à aposentadoria inativa e o asilo passa a ser chamado de centro residencial. Os signos do envelhecimento são invertidos e assumem designações como: “nova juventude”, “idade do lazer”. Também invertem-se os signos da aposentadoria, de um momento de descanso e recolhimento para tornar-se um momento de atividades e lazeres.

Segundo esta autora, é nesse contexto que surgem os programas de Terceira Idade no Brasil, influenciados pelo movimento de aposentados franceses, na década de 60. O SESC, como já citado, foi um precursor na organização dos aposentados e, conseqüentemente, na organização de grupos de convivência para a Terceira Idade, baseados em dinâmicas de lazer, as quais procuraram reverter a condição marginal do velho. Por lazer entendemos toda ocupação de livre escolha, que são realizadas após o término das obrigações profissionais, familiares e sociais, ou seja as atividades de lazer acontecem no tempo livre das pessoas e não são obrigatórias (DUMAZEDIER, 1973).

Em nossa experiência profissional com grupos de terapia ocupacional, nos quais eram utilizadas atividades de lazer, observamos que os significados das experiências vivenciadas pelos integrantes divergiam entre si. O relato de alguns pautava-se em uma avaliação positiva sobre “estar no grupo” de Terceira Idade; eles comentavam com frequência que a saúde tinha melhorado e “estavam mais felizes”. Outros integrantes agiam compulsivamente em relação às atividades, ou seja, queriam participar de todos os passeios, festas e outros eventos criando “um clima de euforia” e de “juventude”. Outros, ainda, apresentavam maior dificuldade de incluírem-se nas atividades e se desmotivavam com facilidade, e por último algumas pessoas, dependendo do tipo de atividade, lembravam-se do trabalho exercido anteriormente e preferiam realizar somente as atividades ditas relaxantes, como a ginástica, os passeios.

Na revisão da literatura, Borsoi (1996), Ferrari (1996) e Debert (1999) citam que os motivos que mais se destacam para a procura dos grupos de convivência para a Terceira Idade são o encontro com as pessoas e a construção de novas amizades. A participação em atividades de lazer, sejam os passeios, as festas, a ginástica, as artísticas, nem sempre são evidenciadas, o que leva à suposição que as mesmas possuem um papel mediador dos encontros entre os participantes dos grupos de Terceira Idade.

Diante do exposto, propusemo-nos a realizar este estudo buscando responder as seguintes questões:

- Quais são as expectativas dessas pessoas em relação a participação nas atividades de lazer? Há preferências? Há opções?

- Existem mudanças no cotidiano dos integrantes dos grupos de Terceira Idade conseqüentes a sua participação nas atividades de lazer?

- O que representa para os integrantes dos grupos

⁴ Utilizamos, neste estudo, a recomendação da Organização Mundial de Saúde (1979) que considera idosas as pessoas acima de 60 anos, nos países em desenvolvimento e, portanto, no Brasil.

Representações sociais...

de Terceira Idade participar das diferentes atividades de lazer promovidas?

Esperamos nessa pesquisa identificar as representações sociais de integrantes de grupos de Terceira Idade acerca da sua participação em atividades de lazer ampliando, assim, a compreensão dos significados do envelhecer e a sua relação com as práticas sociais voltadas a este grupo etário.

OBJETIVO GERAL

Compreender as representações sociais de integrantes de grupos de Terceira Idade acerca da sua participação em atividades de lazer.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar as expectativas e os motivos dos integrantes de grupos de Terceira Idade que determinam a sua participação em atividades de lazer;
- Identificar os significados que os integrantes de grupos de Terceira Idade atribuem à sua participação em atividades de lazer;
- Verificar se existem mudanças no cotidiano dos integrantes dos grupos de Terceira Idade, e se elas são conseqüentes à participação em atividades de lazer.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico adotado para esse estudo é a Teoria das Representações Sociais. Segundo a definição clássica de Jodelet, "o conceito de representação social designa uma forma específica de conhecimento, o saber do senso comum, cujos conteúdos manifestam a operação de processos generativos e funcionais socialmente marcados. De modo mais amplo, designa uma forma de pensamento social" (JODELET, 1988, p. 9). A autora apresenta o conceito das representações sociais como modalidades de pensamento prático voltadas para a comunicação, a compreensão e o domínio do ambiente social, material e ideal. Assim podemos chamá-las de formas de conhecimento e que se manifestam como imagens, conceitos, categorias e teorias, ou seja, elementos do discurso do senso comum que provém, dos discursos científicos, mais atualmente propagado pela mídia, através da comunicação e da educação em geral.

O referencial teórico das representações sociais, sob a perspectiva da psicologia social, nos parece pertinente para ser empregado no estudo dos significados das vivências em atividades de lazer entre participantes de grupos de Terceira Idade, na medida que o discurso gerontológico sugere uma finalidade para estar em atividade, como a ocupação do tempo livre que, necessariamente, não é a mesma esperada pelos participantes dos grupos de Terceira Idade. Soma-se a isso o fato de que a formação dos grupos de Terceira Idade é um fenômeno atual e que colabora na construção de novas imagens sobre o envelhecer.

CAMPO E ABORDAGEM METODOLÓGICA

O estudo foi realizado no Centro Municipal de

Convivência da Terceira Idade, na cidade de Valinhos, São Paulo. Criado em 1983, este Centro atende homens e mulheres a partir dos 50 anos e procura cumprir a Política Municipal do Idoso, em conformidade com a Lei 8.842/94 da Política Nacional do Idoso. A inclusão dos sujeitos no presente estudo atendeu aos seguintes critérios: 1. homens e mulheres com mais de 60 anos de idade; 2. participação no Centro de Convivência para a Terceira Idade, com a frequência mínima de duas vezes por semana; e, 3. participação nas atividades de lazer nos últimos dois anos, sem interrupção.

Para a seleção dos sujeitos solicitamos aos participantes do Centro de Convivência a indicação de colegas de ambos os sexos, que atendessem aos critérios acima estabelecidos. A opção por este tipo de seleção partiu de uma hipótese de que a escolha dos sujeitos entre os seus pares oferece indícios de que os apontados destacam-se entre o grupo, pela assiduidade e participação, e o compromisso com o programa de atividades oferecido pelo Centro de Convivência. Considerou-se, ainda, para esta opção a inexistência de controle de frequência dos participantes nas atividades. Os sujeitos indicados foram consultados sobre a disponibilidade para participar do estudo, mediante um termo de consentimento. O projeto de pesquisa foi avaliado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas e recebeu parecer favorável.

Por tratar-se de um estudo exploratório, definimos o número de sujeitos pela repetição e saturação dos dados que emergiram das entrevistas, bem como pela relevância deste material para a análise e adequação aos objetivos propostos (SÁ, 1998, SOUZA FILHO, 1993). Realizamos 14 entrevistas, sendo quatro na fase do pré-teste e 10 na pesquisa propriamente dita. Uma entrevista foi descartada, pois a entrevistada não correspondia à faixa etária estabelecida nos critérios de inclusão. As entrevistas do pré-teste foram incorporadas ao total da amostra, uma vez que apresentavam um conteúdo relevante para o estudo.

Os dados foram coletados em janeiro de 2001 (pré-teste) e em julho de 2001, no próprio Centro Municipal de Convivência. Para a coleta de dados realizamos com cada sujeito uma entrevista individual e semi-estruturada. A entrevista foi conduzida pela própria pesquisadora por meio de um roteiro, o qual contém dados pessoais dos informantes e aborda os seguintes temas: os motivos que levaram os sujeitos a ingressar no Centro de Convivência, o envolvimento com as atividades de lazer antes do ingresso no Centro de Convivência, e a compreensão que tinham sobre a sua participação nas atividades de lazer no respectivo Centro. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas na íntegra. Adotamos nomes fictícios para preservar a identidade dos sujeitos.

O perfil apresentado pelos 13 entrevistados corresponde a sete homens e seis mulheres. Os entrevistados encontram-se na faixa etária entre 61 e 78 anos, a maioria é viúva (8/13) e professa a religião católica romana (11/13). Em relação ao grau de escolaridade, os sujeitos frequentaram a escola por período entre um e 13 anos. Havia quatro fazendo o curso supletivo no próprio Centro de Convivência Municipal. Dentre os 13 sujeitos, sete são aposentados, sendo seis por tempo de serviço e um por

invalidez; duas entrevistadas são pensionistas e as demais não possuem vínculos previdenciários. Sobre a atividade profissional, todos os homens (N=7) ocuparam cargos técnicos, serviços gerais ou mestre de obras. A maioria das mulheres (5/6) é dona-de-casa. A data de ingresso nas atividades do Centro de Convivência variou entre dois e 20 anos.

Para a análise das entrevistas utilizamos a técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 1977). Nela identificamos, inicialmente, os temas ou as unidades de significação presentes nos discursos dos sujeitos, que revelam os sentidos, as motivações, as crenças e os símbolos atribuídos por eles acerca da participação nas atividades de lazer. Posteriormente, associamos as unidades que apresentavam semelhanças temáticas e confluência de sentidos, conceitos e explicações buscando a construção de categorias de análise, as quais nos levaram a inferir sobre as representações sociais.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Identificamos três categorias de análise com os respectivos temas:

AS EXPECTATIVAS E OS MOTIVOS PARA PARTICIPAÇÃO: AS MARCAS DA VELHICE

a) "A vida está fria..."

Na análise dos discursos dos sujeitos aparece inicialmente uma relação entre a procura ou ingresso no Centro de Convivência e as imagens de vazio, da falta de atividades e da solidão. Todas estas imagens são formadas a partir de mudanças no cotidiano dos idosos geradas por rupturas com a esfera ocupacional (aposentadoria) ou familiar. Há um período de transição, na medida que o sujeito tinha sua vida organizada por tarefas ocupacionais da vida adulta e passa a vivenciar um cotidiano desestruturado na velhice. Para os homens entrevistados esta organização do cotidiano se dava a partir do desempenho de atividades do trabalho, e para as mulheres pelo desempenho de tarefas domésticas. Os sujeitos homens se percebem desorientados e com uma rotina marcada pelo tédio e o vazio.

O que nos parece num primeiro momento que as marcas da velhice são produzidas essencialmente pela falta de atividades e pelo conseqüente tédio, ampliamos nossa compreensão e percebemos que os idosos do nosso estudo tentavam ocupar o tempo, antes do ingresso no Centro de Convivência, fazendo visitas, assistindo televisão, lendo, mas faltava algo para preencher o vazio. Para eles o "fazer sozinho" não preenche a vida, possivelmente, porque em grande parte de suas vidas realizaram as atividades no trabalho, nas tarefas domésticas, e no lazer com outras pessoas, como os familiares e/ou amigos. "Fazer junto" representa um forte elemento na busca da participação nas atividades de lazer em Centros de Convivência para a Terceira Idade.

A atividade humana está imbuída de uma rede de afetos, sejam familiares, sejam no ambiente de trabalho. Fazemos algo para alguém, e para si próprio. É uma teia de relações afetivas entrelaçadas com o fazer humano. O fazer humano tem significados na relação consigo mesmo e com

o outro.

b) A convivência com as doenças e a recomendação médica

Este segundo tema foi extraído da maioria dos discursos das mulheres entrevistadas. As doenças apontadas não são necessariamente clínicas, mas grande parte delas de origem emocional, indicando particularmente que as mulheres estão expostas, ao longo da vida, às condições adversas que podem gerar sofrimento mental, representado no senso comum pelas "doenças dos nervos".

A motivação feminina para participar das atividades de lazer é diferente da motivação masculina. As mulheres, como visto no perfil dos entrevistados, em sua maioria não desenvolveram atividades profissionais, pelo contrário, foram donas-de-casa, mães e esposas. Assim, as mulheres não vivenciam a mudança abrupta em relação às ocupações cotidianas da esfera doméstica, mas por outro lado mostram-se cansadas e até doentes pelo excessivo cuidado com o outro.

Então eu fiquei assim: eu era muito doente, eu perdi meu marido, depois perdi meu filho e fiquei em casa muito triste, muito infeliz. Não saía para canto nenhum, a minha vida era chorar e, além disso, eu tinha um filho doente na cama, e tudo dele tinha de ser eu. Eu tomava seis comprimidos por dia e os médicos falavam que eu não podia parar um minuto, um dia aqueles remédios. E eu cada dia ficando pior. (Cícera).

c) Em busca do tempo perdido

O tema "em busca do tempo perdido" representa a oportunidade para vivenciar experiências até então não permitidas pelos compromissos com o trabalho e pelas responsabilidades dos papéis familiares assumidos, como aprender, desenvolver novas habilidades, que não foram desenvolvidas ao longo da vida adulta ou ainda, retomar projetos de vida. A geração de idosos da pesquisa foi privada, principalmente as mulheres, de acesso à informação tanto formal como a escolarização, como informal.

Neste contexto de privação de acesso ao mundo do trabalho e à escolarização, as idosas entrevistadas tinham a percepção de estar fora do mundo. A vida dentro de casa afastou-as de ter maior contato com outras pessoas, além dos familiares. A vida foi marcada, muitas vezes, por sofrimento.

O motivo foi a minha vida... o mundo diferente sabe? Eu vivia só dentro de casa com o marido e com os filhos, só com o serviço do lar, né? Então tinha necessidade de aprender alguma coisa e abrir mais a mente, porque eu achava que estava fora de tudo, fora de tudo e eu tinha necessidade de aprender alguma coisa, conversar com as pessoas que não eram fechadas e é por isso que comecei na Terceira Idade. (Terezinha)

OS SIGNIFICADOS DA PARTICIPAÇÃO EM ATIVIDADES DE LAZER: O EFEITO TERAPÊUTICO

a) A família da Terceira Idade

Sem diferenças em relação ao gênero, o que une os homens e as mulheres envelhecidas do nosso estudo é o

afeto, a camaradagem, o acolhimento, a manifestação de carinho e a confiança encontrados a partir da participação no Centro de Convivência.

É neste contexto “familiar” que os idosos encontram a proteção tanto dos profissionais como dos colegas participantes. Há uma substituição de elementos, uma vez que a convivência cotidiana com a família de origem torna-se, em muitos casos, esporádica (pais, irmãos), como também com a família construída (filhos). Neste sentido, volta a essência da vida em família, da convivência cotidiana com os semelhantes que possuem experiências da mesma época, do partilhar as experiências e os vínculos afetivos.

(...) Porque eu gosto disso aqui. A turma daqui é boa, a turma é boa. Isso aqui é uma família, é uma irmandade. Não tem discussão. Não tem briga... (Juvenal).

As imagens da família por ora se mesclam com as dos novos amigos; a imagem é tão forte que os sujeitos verbalizam a expressão “pegar amizades”, apontando para a representação de quase um contágio. Ao participarem em atividades de lazer os idosos ficam contaminados por novos amigos. A inibição inicial para fazer amigos cede lugar para a disponibilidade de estar junto com as pessoas. Não há como escapar. Há um contágio entre aqueles que participam do Centro de Convivência.

É porque é bom demais! (risos). A gente tem muitas amizades, peguei muitas amizades, e depois tem de tudo que a gente gosta, tem ginástica, tem jogos, tem baile, tudo, bate-papo... bate-papo é todo o dia! (Antônio).

b) O remédio

A relação dos idosos com as atividades de lazer é tão intensa que muitos adquirem uma dependência das mesmas que se aproxima à idéia da dependência de um remédio. Se o envelhecimento é crônico, no sentido da irreversibilidade do processo, a convivência com ele demanda alternativas; para os sujeitos entrevistados, possivelmente, o lazer seja o “remédio” necessário para manter o envelhecimento sob controle. E também aparece o efeito, como o de um remédio, comparado ao alívio sintomático de doenças em relação à participação nas atividades de lazer.

(...) mas é depois que eu conheci a Terceira Idade (...) eu não fico em casa não, só se eu tiver doente, se eu tiver doente tudo bem, mas assim mesmo tem dia que eu estou meio doente e eu venho, aí eu sarô. (Benedita)

O remédio da participação em atividades de lazer junto com a “família da Terceira Idade” tem se mostrado tão benéfico para as marcas da velhice, a solidão, as perdas, a inatividade, as doenças, que alguns participantes fazem recomendações e receitam a participação em atividades de lazer para os amigos.

c) A organização do tempo

A partir do ingresso no Centro de Convivência para a Terceira Idade a rotina dos entrevistados, caracterizada pela falta de atividades significativas é substituída por uma rotina de total ocupação do tempo.

Segundo Von Zuben (2001, p.166), “a condição humana é toda perpassada pela temporalidade”. O conceito de tempo pode ser discutido sob várias perspectivas. Os gregos atribuíam dois conceitos para o tempo: aión ou kairós

e chrónos. O termo aión significa tempo de vida ou a duração do tempo e para alguns autores gregos representa o tempo de duração de uma vida individual; é o tempo vivido, as experiências, o tempo próprio da ação. Ao conceito de chrónos é atribuído o tempo genérico, cronológico (MARTINS, 1998, ALVES, 2001, VON ZUBEN, 2001).

Para os sujeitos do presente estudo, a participação em atividades de lazer no Centro de Convivência leva-os à organização de chrónos. Os dias são completos de compromissos, incluindo os fins de semana. Novamente aparecem as expressões “não tenho tempo” e “trabalho”, usadas quando se referiam à vida adulta. Além da organização do tempo cronológico, a participação em atividades de lazer para alguns sujeitos (re)significa o cotidiano dos idosos. A passagem do tempo é percebida como momentos de felicidade. Estar sem atividade, significa estar infeliz e a passagem do tempo torna-se lenta e monótona. Estar em atividades significa estar feliz e a percepção do tempo é inversa: veloz e ativa, é tão rápido que não se vê o tempo passar. Nesse momento o tempo chrónos é rerepresentado pela perspectiva subjetiva do tempo kairós.

AS MUDANÇAS NO COTIDIANO: “A SAÍDA DO FUNDO DO POÇO”

a) O sentido da vida

O sentido da vida corresponde a uma motivação primária arraigada à natureza humana e, apesar de ser universal, é subjetiva e pessoal. Assim, existe um sentido pessoal que podemos considerá-lo como um sistema cognitivo elaborado individualmente e influenciado pela cultura. Ter um sentido na vida significa ter um propósito e esforçar-se para atingi-lo (FREIRE; RESENDE, 2001).

A rotina dos dias vazios, sem ocupação para os homens, e sem sentido para os idosos da pesquisa é substituída por uma rotina com a participação em muitas atividades diversificadas e o encontro com os amigos. Não há mais solidão e falta de ocupação. Há expectativa, perspectiva, planos, objetivos e futuro. O envolvimento nas atividades de lazer do Centro de Convivência traz a sensação de responsabilidade por um trabalho, para os homens aposentados; representa o retorno de uma força produtiva, e da utilidade social. Representa, assim, o “sentido da vida”.

A gente fica em casa sem fazer nada, parece que a gente está esperando só o dia de ir embora daqui. Aqui não. Aqui a gente espera um outro dia, para começar tudo de novo... a gente não pensa outra coisa, a não ser o que vamos fazer amanhã, amanhã o dia seguinte! É a certeza de um amanhã. É um futuro. Muda a perspectiva. (Antônio)

Para as mulheres a rotina dos cuidados familiares é substituída por novas atividades: palestras, passeios, ginástica, cursos, jogos. A vida começa a ter outros significados, de um mundo restrito para o mundo sem limites fora de casa. Peixoto (1997) ressalta que a experiência das mulheres nos grupos de Terceira Idade revela a importância da realização pessoal e auto-satisfação; é a conquista de um espaço de atitudes próprias alcançada após uma vida de obrigações familiares.

b) O autocuidado

O autocuidado é uma prática que inclui atividades

variadas que as pessoas podem realizar para seu próprio benefício, para manutenção da vida, da saúde e do bem-estar. É uma necessidade na vida das pessoas, e se estas não forem satisfeitas podem trazer doenças (RODRIGUES; ANDRADE; MARQUES, 2001, p. 12).

O autocuidado parece ser uma experiência nova na vida dos sujeitos entrevistados. Através das palestras e das próprias orientações recebidas pelos profissionais do Programa, os idosos aprendem sobre as mudanças funcionais do envelhecimento e os cuidados necessários para a manutenção da saúde. A participação nas atividades de lazer parece minimizar as alterações advindas do envelhecimento; ao mesmo tempo, os idosos estão mais atentos aos seus problemas de saúde. Eles sentem-se mais saudáveis e assumem uma posição mais ativa diante dos cuidados à saúde.

c) O renascimento

A imagem da inatividade está associada à própria morte. Na vivência dos nossos sujeitos, a gradativa perda das atividades, sejam laborais ou de lazer, vai “endurecendo” o idoso e minando suas forças até fossilizá-lo por completo. As atividades de lazer oferecidas no Centro de Convivência para a Terceira Idade, representam para esses sujeitos a oportunidade de “aprender a andar outra vez”, de “tornar-se viver”, de “renascer”.

A gente fica numa idade sem atividade, vai ficando... não me lembro a palavra, mais fossilizado, não é? Pois não faz nada, aí começa a endurecer, tudo, membros, a memória também fica quadradinha (...). E eu acredito que um Centro de Atividades como esse deu vida para muita gente, (Jovino)

A imagem de renascimento também está associada a autonomia para a vida. Sanchez (2000), considera como sujeito autônomo aquele que atua e tem o poder de decisão sobre seus atos.

As mulheres do presente estudo, especialmente as que estiveram privadas de informações e escolaridade, ficaram mais dentro de casa cuidando da família. Ao participarem do Programa descobrem um mundo novo e desenvolvem a autonomia. Acreditam agora, que “isso é a vida”. Elas sentem que aprenderam a viver e renasceram ao ingressarem no Centro de Convivência, ou seja, exerceram sua autonomia para decidir, escolher sobre o que querem da vida.

Então, dentro da Terceira Idade eu encontrei tudo, encontrei saúde, encontrei alegria, aprendi a viver, sabe pois eu não sabia nem bem conversar. Uma pessoa perguntava uma coisa e eu ficava pensando o que é que eu vou responder, pois eu não sabia responder, pois eu não sabia responder. E aqui eu aprendi, para mim, olha, eu vivi de novo, agora que eu estou vivendo, antes eu não vivia, agora que eu estou vivendo. (Cícera)

As recentes pesquisas revelam que um grande número de mulheres envelhecidas, independentes da classe social, atribuem à atual vida, como idosa, o momento mais tranquilo e feliz que já tiveram. O fato da maioria das idosas de hoje não ter alcançado uma vida profissional ativa, e ao mesmo tempo, terem tido uma vida social limitada em relação aos homens de sua geração, leva-as a um sentimento de maior satisfação e plenitude, principalmente ao ingressarem em Programas para a Terceira Idade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da perspectiva aqui esboçada, compreendemos como os integrantes de Grupo de Terceira Idade se apropriam de todo um processo social e passam a reconstruir (re-significando) seu mundo subjetivo nas relações sociais. Procuramos revelar as representações sociais, linguagem do senso comum, manifestações de condutas institucionalizadas (OBA; TAVARES; OLIVEIRA, 2002). Assim, tentamos ultrapassar as representações individuais para revelar um fenômeno social: idéias e ações de um grupo de Terceira Idade sobre sua vivência em atividades de lazer, produzidas no interior de um determinado contexto social e cultural.

Nesse estudo buscamos verificar se os idosos ao ingressarem nos grupos de Terceira Idade estariam negando o próprio processo de envelhecimento. Nessa trajetória, identificamos que os signos da juventude (prazer, divertimento, vitalidade e beleza) permanecem vinculados aos estágios iniciais da vida humana. Para os sujeitos de nosso estudo, principalmente as mulheres, não lhes foi permitido, ao longo da vida, exercer a autonomia e a liberdade. Os papéis sociais desta geração de mulheres, como visto, eram muito restritos ao mundo doméstico. Os homens, por sua vez, em nossa pesquisa, foram marcados pela exigência do mundo do trabalho. Apesar de se sentirem mais “livres” que as mulheres, não tiveram plena autonomia sobre o seu tempo, pois o mesmo foi na maioria das vezes preenchido pelo trabalho, especialmente após o casamento quando assumiam o papel de provedores exclusivos da família.

Os resultados de nosso estudo revelam que a velhice não está sendo negada, mas sim considerada uma etapa de oportunidades e o resgate do tempo perdido, não de crônons, mas de kairós: resgate de poder vivenciar o prazer e a ludicidade, a convivência, o partilhar um tempo com sentidos e significados, ainda que, sendo velhos. Conforme Cintra (1998, p.183) revela “... partimos do pressuposto que o sujeito se constitui nas relações sociais, num processo em que ele (re)elabora múltiplos sentidos e significados que, por sua vez mediam a significação das experiências que vivencia no meio social”.

A participação em atividades de lazer nos Centros de Convivência para a Terceira Idade leva as pessoas a se sentirem felizes e mais saudáveis. Essa percepção de saúde não está vinculada necessariamente a ausência de doenças. Trata-se da convivência com as mesmas com garantia de independência e autonomia, como também uma diminuição do consumo de medicamentos, principalmente os indicados para as doenças emocionais. Mostramos que as atividades de lazer, às vezes, substituem o efeito de outras terapêuticas (medicamentos) no combate às “doenças da velhice”. Os idosos adquirem maior domínio sobre seu corpo, apesar de ainda atribuírem os cuidados à saúde ao consumo de consultas médicas, remédios e exames. Não podemos esquecer, no entanto, que este tipo de comportamento pode estar sendo estimulado pelo modelo de assistência à saúde no país, no qual a tecnologia médica é hipervalorizada nos cuidados à saúde da população.

A felicidade revelada pelos sujeitos da pesquisa parece estar vinculada a nova condição de pertencerem à

uma "família", assim os idosos podem compartilhar as incertezas e dificuldades desta nova fase da vida, e conquistar um espaço afetivo. Esta felicidade para as mulheres mostra-se também vinculada à sensação de liberdade e autonomia, ao "conhecimento do mundo", e também as experiências novas em suas vidas. Para os homens, a felicidade pode estar associada a sensação de utilidade e ao compromisso, à perspectiva de futuro.

Antes do ingresso nos grupos de Terceira Idade, alguns idosos por nós entrevistados tentavam se ocupar, fazendo visitas, caminhando, fazendo compras, assistindo televisão, mas estas atividades não preenchiam "o vazio". O vazio não estava relacionado apenas ao tempo ocioso, mas sim a uma percepção subjetiva e existencial do sentir-se "velho" e excluído, "fora do mundo". Neste sentido, a participação nos grupos de Terceira Idade revela-se como a possibilidade de mudança desta realidade fria, fossilizada e de exclusão. Representa, assim, uma nova vida, o renascimento, a "saída do fundo do poço".

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. **As cores do crepúsculo**: A estética do envelhecer. Campinas: Papyrus, 2001.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BERQUÓ, E. Considerações sobre o envelhecimento da população no Brasil. In: NERY, A.; DEBERT, G. G. (Orgs.). **Velhice e Sociedade**. Campinas: Papyrus, 1999. p.11-40.
- BORSOI, S. A. Terapia Ocupacional aplicada à Gerontologia. In: PAPALÉO NETTO, M. (Org). **Gerontologia**. São Paulo: Atheneu, 1996. p.348-354.
- CINTRA, F. A. **A significação do glaucoma e a mediação dos significados de velhice na perspectiva vygotskiana**: subsídios para a educação em saúde. São Paulo, 1998. 321p. Tese (Doutorado)- Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- DEBERT, G. G. **A Reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização da velhice. Campinas: Papyrus, 1999.
- DUMAZEDIER, J. **Lazer e Cultura Popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- FERRARI, M. A. C. Lazer e ocupação do tempo livre na Terceira Idade. In: PAPALÉO NETTO, M. (Org). **Gerontologia**. São Paulo: Atheneu, 1996. p.98-105.
- FREIRE, S. A.; RESENDE, M. C. Sentido de Vida e Envelhecimento. In: NERY, A. L. (Org.) **Maturidade e velhice**. Campinas: Papyrus, 2001. p.71-97.
- JODELET, D. Représentation sociale: phénomène, concept et théorie. In: S. Moscovici (Org.). **Psychologie sociale**. Paris, Presses Universitaires de France, 1994.
- MARTINS, J. Não somos chronos, somos Kairós. **Rev. Kairós**, São Paulo, s/v, n.1, p.11-24, 1998.
- NERI, A. L. **Qualidade de vida e idade madura**. Campinas: Papyrus, 1993.
- OBA, M. das D. do V.; TAVARES, M.S.G.; OLIVEIRA, M.H.P.de. A morte mediante as representações sociais dos profissionais de saúde. **Rev. Bras.Enferm.**, Brasília, v.55, n. 1, p.26-30, jan./mar. 2002.
- PASCHOAL, S. M. P. Epidemiologia do Envelhecimento. In: PAPALÉO NETTO, M. (Org) **Gerontologia**. São Paulo: Atheneu, 1996. p.26-43.
- PEIXOTO, C. D. Volta às aulas ou de como ser estudante aos 60 anos. In: VERAS, R (Org). **Terceira Idade, desafios para o terceiro milênio**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/UnATI, 1997. p.41-74.
- RODRIGUES, R. A. P.; ANDRADE, O. G. de; MARQUES, S. Representaciones sociales del cuidado del anciano en trabajadores de salud en un ancianato. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.9, n.1, p.7-12, 2001.
- SÁ, C. P. de**. A construção do objeto de Pesquisa em Representações Sociais. **Rio de Janeiro: EDURJ, 1998**.
- SANCHEZ.M. A S. A dependência e suas implicações para perda de autonomia: estudo das representações para idosos de uma unidade ambulatorial geriátrica. **Textos sobre envelhecimento**, Rio de Janeiro, s/v, n. 3, p. 35-54, 2000.
- SOUZA FILHO, E. A. A Análise de Representações Sociais. In: SPINK, M. J. (Org) **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1993. p.109-145.
- VERAS, R. P. **País jovem com cabelos brancos**: a saúde do idoso no Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- VON ZUBEN, N. A. Envelhecimento: metamorfose de sentido sob o signo da finitude. In: NERY, A. L. (Org.) **Maturidade e Velhice- trajetórias individuais e sociais e culturais**. Campinas: Papyrus, 2001. p.151-182.